

MENTALIDADES E RADICALISMOS: O EXTREMISMO ISLÂMICO

PEDRO CLEMENTE

Professor Auxiliar da ISCPSI

*“o Islão volta a ser um mistério
para o homem comum do ocidente.”*

Luís Carmelo¹

I. Um olhar

A lei natural mostra ao Homem o caminho a seguir na medida em que enuncia os preceitos essenciais à regulação da vida social, tendo em vista o bem-comum. Estabelecida pela razão, a partir da verdade revelada por Deus, a lei natural exprime a transcendente dignidade da pessoa humana e estende-se a todos os seres humanos – é universal. Enfim, dela emanam os fundamentos da lei civil.

Apesar da diversidade cultural e das vicissitudes históricas da sociedade humana, a lei natural consegue unir os homens em torno de princípios comuns que permanecem substancialmente válidos ao longo dos séculos, como a proibição de roubar – é imutável. Tudo o que se

¹ Islão e Mundo Cristão – Revelação, profecia e salvação: que contraste?, Hugin Editores, Lisboa, 2001, p. 5.

opõe à lei natural é anti-humano, como o terror, adepto radical do princípio *“armai-vos uns contra os outros”*.

O humanismo nasce da lei natural. Mas, hoje, escuta-se muito o grito do humanismo absoluto, que concebe o Homem, prescindindo de Deus – o Homem pelo Homem!

Entre Deus e o Homem há uma comunicação impossível de apagar, contudo, os Homens ofendem-se uns aos outros para eliminar Deus ou para impor uma interpretação da vontade de Deus, contrária à palavra revelada.

Ao reflectir-se sobre o fenómeno do terrorismo contemporâneo, tudo isso salta à boa razão, particularmente no que tange ao terrorismo de matriz islâmica.

Vejamos então o fundo da questão, numa abordagem efectuada a partir da raiz teológica, projectada no cenário político.

II. Tempos e ideias

As ideias moldam a vida social, seja como sementes de progresso – do mutualismo à educação tecnológica e à igualdade do género –, seja como chamas de terror – do anarquismo bombista à eugenia racista do nazismo. Ontem como hoje, o radicalismo manifesta-se no tecido social de todas as civilizações, sob variadas formas, conforme os padrões culturais das sociedades locais.

Os tempos actuais estão marcados pelo discurso radicalista de teor islamita, revigorado com a implosão da ideologia marxista, após a queda do muro de Berlim em 9 de Junho de 1989.

O que fazer então perante o terror? Nada ou tudo?

Por certo, a construção da via justa é o caminho a seguir!

Na verdade, é isso que nos junta aqui – neste fórum académico de eleição.

Em traços necessariamente breves, a demanda faz-se a partir do texto religioso, quase oculto no Ocidente pelo império da razão positiva (e ateia), por ser o pilar fundador quer da civilização europeia, quer

da islâmica. A isso nos obriga a objectividade, despida de reserva mental; não nos falte, pois, a arte e o engenho.

Na demanda da verdade, parte-se do legado de Abraão para compreender o fenómeno do extremismo islâmico violento, num mundo global, sem qualquer tentação de islamofobia, inadmissível num espaço de liberdade, ou de apologia do imperialismo cultural do Ocidente.

No quadro do Direito Público, a solução anti-terrorista remete para um quadrívio: prevenir; proteger; perseguir; responder. Decerto, o ideal é investir na prevenção e na protecção; o restante tão-só pode ser equacionado no estrito quadro da lei (nacional e internacional). Na essência importa mais prevenir; isso implica conhecer a mentalidade do adversário, detectar precocemente o comportamento de risco e favorecer a integração social sem aniquilamento cultural. Quanto à protecção assenta, cada vez mais, no recurso às novas tecnologias de vigilância, mormente à videovigilância da via pública, e no aprofundamento da cooperação internacional entre autoridades judiciais e policiais.

Ademais, importa ter presente que certo olhar islâmico do Direito Internacional Público não encontra nele representado a diversidade da sociedade de Estados e apenas reconhecidos os valores triunfantes com a Revolução francesa (1789) e a afirmação do Estado-Nação ocidental. Assim, materialmente assente nas convenções, certa intelectualidade muçulmana gostaria de ver mais reflectida a dimensão consuetudinária islâmica no Direito Internacional Público. Elevando isso aos extremos, o fundamentalismo islâmico rejeita esse Direito, considerando ímpio e apenas positivo, e quer impor outro ordenamento, certamente de inspiração corânica, à espada se preciso, segundo alguns.

E aos Homens de boa-vontade cabe desbravar a via justa em que a lei positiva se aproxime mais da lei natural e, logo, da ética adâmica.

III. O Deus de Abraão

Um dia, 1850 antes de Cristo, Abraão, o “pai de todos os crentes”² escutou o “único Deus verdadeiro”³, renegando os falsos ídolos: “Deixa a tua terra, a tua família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.”⁴ Aos setenta e cinco anos, o patriarca Abraão partiu de Harran (Turquia) rumo a Canaã (Terra Santa).

O Senhor fê-lo pai de “inúmeros povos.”⁵ Aos descendentes de Abraão, o Altíssimo estendeu a salvação: “todas as famílias da terra serão em ti abençoadas.”⁶

Aos oitenta e seis anos, Abraão conheceu Agar, escrava egípcia da sua esposa Sara, a pedido desta, por ser estéril. Durante a fuga no deserto de Bercheba, por receio de Sara, a quem desdenhar ao reconhecer-se grávida, Agar teve uma visão: “O anjo do Senhor disse-lhe ainda: «Estás grávida, vais ter um filho e dar-lhe-ás o nome de Ismael (...). Ele será como um onagro entre os homens; a sua mão erguer-se-á contra todos; a mão de todos erguer-se-á contra ele (...).»”⁷ Confortada, Agar voltou à tenda de Abraão.

Mais tarde, a pedido de Sara, e apesar do desgosto, Abraão mandou embora Agar e Ismael, para preservar a paz doméstica: “Mas Deus disse-lhe: «Não te preocupes (...) farei sair também uma nação do filho da escrava, porque também ele é teu filho».” A Agar, o anjo de Deus “disse-lhe: «(...) farei nascer dele um grande povo».”⁸

² Carta aos Romanos (4, 11), Bíblia Sagrada, Difusora Bíblica, Lisboa, 2003.

³ Evangelho segundo São João (17, 3).

⁴ Génesis (12, 1).

⁵ Génesis (17, 4).

⁶ Génesis (12, 3).

⁷ Génesis (16, 11-12).

⁸ Génesis (21, 12-13 e 17-18).

A promessa a Abraão ter-se-ia cumprido com o advento do profeta Maomé (571-632), descendente de Ismael⁹ e fundador da fé muçulmana: “o Profeta gentio que poderão encontrar assinalado na Tora”¹⁰.

Modelo de fé, Abraão “é um homem pacífico e generoso. Não quer lutas nem rivalidades. Para construir a paz não teme sequer ficar prejudicado”¹¹.

Tanto tempo depois, a espada separa os descendentes de Ismael e de Isaac, ambos filhos de Abraão. Porquê?

IV. A universalidade do Deus único

A fé no mesmo Deus une judeus, cristãos e muçulmanos: “eu sou Deus e não há outro”¹². O monoteísmo exprime a universalidade do Deus único: “a minha casa é casa de oração, e assim será para todos os povos”¹³.

O islamismo professa o mesmo monoteísmo do judaísmo e do cristianismo: “O Nosso Deus, que é o vosso Deus, é único”¹⁴. O Alcorão aceita o monoteísmo judaico-cristão: “Cremos em Deus, no que nos foi revelado e no que foi revelado a Abraão, Ismael, Isaac, Jacob e às tribos, no que foi dado a Moisés e a Jesus, no que foi dado aos profetas pelo seu Senhor. Não fazemos diferenças entre eles.”¹⁵

⁹ Sura da Família de Amrão (III, 61), Alcorão, Tradução de José Pedro Machado, Junta de Investigações Científicas do Ultramar, Lisboa, 1979.

¹⁰ Sura do Limbo (VII, 156), Alcorão.

¹¹ Januário dos Santos, Abraão – Pai dos Crentes, Editorial Missões, Cucujães, 1990, pp. 5 e 20.

¹² Isaías (46, 9).

¹³ Isaías (56, 7).

¹⁴ Sura da Aranha (XXIX, 45), Alcorão.

¹⁵ Sura da Vaca (II, 130), Alcorão.

Ninguém pode ferir a fé judaica, cristã ou muçulmana, sob pena de desfigurar a raiz teológica do monoteísmo. Quer algum crente fazer aquilo que Deus nunca quis?

No Islão, “*Só Deus é Deus e nenhum outro existe além d’Ele*”¹⁶. Para o muçulmano, “*o acento está todo no crer*”. No fundo, “*A religião islâmica é a religião do Absoluto*”¹⁷.

Embora contenha apelos contra os não-muçulmanos, o Alcorão reconhece o mérito da fé judaica e da cristã: “*entre os que receberam o Livro, alguns há de ânimo recto; (...) estes estão entre os bons.*”¹⁸ Todavia, o extremismo islâmico prefere ignorar o caminho recto, prescrito no Alcorão: “*Se Deus quisesse, teria feito de todos vós um só povo, mas não fez para vos experimentar com o que vos revelou. Procurai ultrapassar-vos uns aos outros nas boas acções. Todos voltareis para junto de Deus*”¹⁹.

O Alcorão consagra a supremacia da fé islâmica, pois Deus “*enviou o Seu apóstolo com a Direcção e a religião da verdade para a elevar acima de todas as outras*”²⁰. Mas, o Alcorão prevê ainda a sobrevivência do cristianismo até ao dia do juízo final: “*colocarei os que Te seguiram acima deles, até ao Dia da Ressurreição. Voltareis para junto de Mim*”.²¹

Os muçulmanos consideram o Alcorão a revelação final do monoteísmo: “*Para Deus a verdadeira religião é o Islão*”. Quanto aos Homens, “*Se o professam, seguem o caminho direito; se, pelo contrário, voltam costas, só te resta pregar.*”²² Contudo, os extremistas islâmicos preferem matar a pregar.

¹⁶ Sura da Vaca (II, 256), Alcorão.

¹⁷ JOAQUIM CARREIRA DAS NEVES, Guerra Santa, in Religião e Violência, José Jacinto Ferreira de Farias et al., Paulus Editora, Lisboa, 2002, p. 111.

¹⁸ Sura da Família de Amrão (III, 109-110), Alcorão.

¹⁹ Sura da Mesa (V, 53), Alcorão.

²⁰ Sura do Arrependimento (IX, 33), Alcorão.

²¹ Sura da Família de Amrão (III, 48), Alcorão.

²² Sura da Família de Amrão (III, 17 e 19), Alcorão.

Em suma, o legado do Deus de Abraão estimula o diálogo das civilizações, porquanto *“todas as coisas que se afirmam de Deus não podem, devido à suprema simplicidade de Deus, diferir realmente, ainda que, por razões diferentes, atribuamos a Deus nomes sempre diferentes.”*²³

V. A ideologia do fundamentalismo islâmico

O Ocidente confronta-se com um paradoxo: *“a maioria da humanidade é religiosa ou crente e o poder político efectivo obedece a uma matriz agnóstica ou ateia.”*²⁴

O Estado laico triunfou no Ocidente, porém, o Estado teocrático subsiste no mundo muçulmano: *“A concepção que dirige o Islão é a de uma sociedade teocrática, na qual o Estado não tem valor senão como servidor da religião revelada.”*²⁵

Transformada em ideologia de massas, a religião islâmica serve de alavanca transnacional à conquista do Ocidente, considerado decadente e materialista: *“Si l’islam n’a peur de rien, tout le monde a peur de l’islam.”*²⁶ Agora, o radicalismo islâmico propaga o sonho da reconquista da Andaluzia, incluindo o Algarve.

A centralidade do Ocidente perde força e o legado greco-cristão corre risco numa Europa esquecida das suas raízes e em islamização progressiva. A Eurábia desponta no horizonte, já visível na Bósnia e no Kosovo, heranças da conquista otomana dos Balcãs. À Europa só resta a alternativa da refundação.

²³ NICOLAU DE CUSA, A Visão de Deus, 2.^a edição, Edição Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1998, p. 141.

²⁴ ANTÓNIO DE SOUSA LARA, O Terrorismo e a Ideologia do Ocidente, Edições Almedina, Coimbra, 2007, p. 71.

²⁵ RENÉ DAVID, Os Grandes Sistemas de Direito Contemporâneo, Livraria Martins Fontes, São Paulo, 1996, p. 409.

²⁶ OSAMA BIN LADEN, apud Alexandre Del Valle, Le totalitarisme islamiste à l’assaut des démocraties, Éditions des Syrtes, Paris, 2002, p. 16.

Depois da conquista de Constantinopla, em 1453, pelos turcos otomanos, chefiados pelo sultão Maomé II (1432-1481), o próximo alvo seria a queda de Roma, símbolo espiritual do Ocidente. Os extremistas muçulmanos evocam “*un hadith de Mahomet qui affirme que les villes chrétiennes converties en premier à l’islam seraient «d’abord Constantinople, ensuite Rome».*” Para tanto, os fanáticos erguem a espada contra o Ocidente: “*Les guerriers d’Allah aiment plus encore la mort que les Occidentaux ne la redoutent.*”²⁷

O fundamentalismo islâmico caracteriza-se: pelo totalitarismo – a submissão da vida social às prescrições corânicas; pela leitura literal (e fragmentária) dos preceitos corânicos – aplicação à letra do texto corânico, sem contextualização; pela coacção sobre os crentes e os infieis.

A ideologia do fundamentalismo islâmico surge como “*uma reacção novíssima contra o laicismo, contra a ocidentalização*”, jamais representando o retorno à ortodoxia, pois, isso significaria “*uma reassunção da tolerância. Ao invés o fundamentalismo pretende ser uma terceira via redutora, maniqueísta e exclusivista.*”

O islamismo político explora uma ideologia de ressentimento contra o Ocidente, símbolo da secularização e da injustiça: “*Constitui uma fuga do real e do racional. Mas como todos os demais fundamentalismos assenta numa desilusão militante e aguerrida, contra a qual é inútil esgrimir a lógica, insuficiente conter com granadas e inabafável deitando-lhe dinheiro para cima.*”²⁸

A solução assenta na educação da juventude, subtraindo-a à ignorância, para evitar a manipulação das mentes pelos radicais islâmicos, mais interessados no poder terreno do que na obra divina. Entretanto, contra o terrorismo islâmico, o Estado democrático deve promover a segurança comunitária e fomentar a inclusão social das

²⁷ Osama bin Laden, op. cit., p. 14.

²⁸ ANTÓNIO DE SOUSA LARA, *Ciência Política – Estudo da Ordem e da Subversão*, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2004, pp. 625 e 626.

minorias muçulmanas, pois “o declínio do Estado não é um prelúdio da utopia, mas sim do desastre.”²⁹

Na génese, o terrorismo é uma batalha ideológica a vencer pelo Ocidente, sem desrespeitar a fé islâmica. Obviamente, nem todos os terroristas são muçulmanos e nem sequer a maioria dos muçulmanos apoia o extremismo islâmico.

Na senda da guerra, os extremistas islâmicos distorcem a ideia de *jihad*, a qual consiste, sobretudo, no esforço de elevação espiritual e só, residualmente, na guerra defensiva: “O terrorismo, o assassinio deliberado de civis, é proibido no Alcorão”³⁰. Segundo o texto corânico, “combatei, no caminho de Alá, aqueles que vos atacam, e não ultrapassai os limites.”³¹

Fundado em 1988, o movimento Al-Quaeda teve, inicialmente, o objectivo de derrubar os regimes muçulmanos corruptos e eliminar a influência cultural do Ocidente nos territórios islâmicos, inspirando-se em Taqi Ibn Taymiyyah (1263-1328). A longo prazo, a Al-Quaeda pretende “criar uma sociedade islâmica transnacional dirigida por um califado restaurado.”³² O califado fora abolido, em 1924, por Mustafá Kemal Atatürk (1881-1938), pai da Turquia moderna e secular.

Para erguerem a comunidade islâmica universal, os líderes da Al-Quaeda promovem a guerra santa (*jihad* menor). Todavia, os extremistas esquecem que a *jihad* maior é o esforço espiritual do crente rumo a Deus – a *jihad* denota essencialmente a ascese. Aliás, o quarto califa, Ali ibn Abi Talib, pregou aos crentes: “O melhor

²⁹ FRANCIS FUKUYAMA, A construção de Estados – Governação e ordem mundial no século XXI, Gradiva, Lisboa, 2006, p. 128.

³⁰ ROHAN GUNARATNA, No Interior da AL-Quaeda - Rede Global, Relógio D'Água Editora, Lisboa, 2004, p. 174.

³¹ Sura da Vaca (II, 190), Alcorão.

³² PETER STILWELL, Notas para o entendimento de algum extremismo religioso, in Religião e Violência, op. cit., p. 32.

*jihâd é aquele pelo qual alguém luta contra as suas paixões selvagens*³³.

VI. A outra face

O extremismo jamais é a única face do Islão; coexiste outra face no Alcorão, recitada logo nos primórdios, pelo profeta Maomé, em Meca: *“Não pode haver qualquer coação em matéria religiosa; o verdadeiro caminho distingue-se bem do erro”*³⁴.

O Alcorão defende também altos valores éticos, eternamente válidos e universalmente obrigatórios: *“não assassinareis porque Deus o proibiu”*³⁵. Há, portanto, no Islão uma marca humanista e uma partilha de valores civilizacionais comuns às demais culturas monoteístas.

Os extremistas islâmicos consideram que parte do Alcorão revelado em Meca está revogado pela revelação ulterior em Medina, na medida em que evocam o princípio da ab-rogação, segundo o qual Deus reviu a revelação anterior, substituindo-a por outra: *“Sempre que suprimirmos ou fizermos esquecer um versículo, poremos em seu lugar outro melhor ou igual. Não sabes que Deus é todo poderoso?”*³⁶ Isso permite a supressão de contradições no Alcorão.

O Alcorão contém passagens elogiosas sobre os cristãos, juntamente com sentenças terríveis contra estes e os judeus: *“os mais violentos inimigos dos crentes são os judeus e os que associam outros deuses a Deus.”*³⁷ A doutrina islâmica discute a validade de umas e de outras.

³³ Apud HELDER SANTOS COSTA, O Martírio no Islão, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa, 2003, p. 50.

³⁴ Sura da Vaca (II, 257), Alcorão.

³⁵ Sura do Gado (VI, 152), Alcorão.

³⁶ Sura da Vaca (II, 100), Alcorão.

³⁷ Sura da Mesa (V, 85), Alcorão.

No Alcorão coexistem versículos imutáveis (e de significado estrito) com versículos de sentido impreciso (ou conotativo) e de entendimento difícil ou circunstancial. Estes são interpretados, pelo extremismo islâmico, de forma fracturante e descontextualizada: *“há versículos claros, que são a matriz do Livro, e outros ambíguos, mas aqueles cujos corações erram seguem o que é ambíguo, por desejo do cisma e por desejo da falsa interpretação, mas ninguém conhece a verdadeira interpretação deles, excepto Deus”*³⁸.

Embora significativa, a referência à paz é rara no Alcorão: *“Se procurarem a paz, cessem então as hostilidades, excepto contra os que praticarem o mal.”*³⁹

Segundo um dito do profeta Maomé, recolhido por Al-Muttaki (1474-1567)⁴⁰, a luta só faz sentido em prol da difusão da fé aos prosélitos: *“Celui qui combat pour que la parole de Dieu l’emporte est sur la voie de Dieu.”* Mas, a paz é preferível à guerra, segundo outro dito de Maomé, recolhido por Al-Bokhari (810-870)⁴¹ *“Ô musulmans, ne souhaitez pas la rencontre de l’ennemi; demandez à Dieu la paix. Mais lorsque vous rencontrez l’ennemi, soyez endurants et sachez que le paradis est à l’ombre des sabres.”*

Na guerra nem tudo é permitido para Maomé: *“Ne tue ni le jeune enfant ni le vieillard ni la femme.”*⁴² O Alcorão condiciona a acção bélica ao princípio da legítima defesa proporcional: *“Combatei na via de Deus contra quem vos faça guerra, sem praticar injustiça”*⁴³.

Quase nunca se evoca o amor no Alcorão. O amor pressupõe a obediência absoluta a Deus e ao profeta Maomé, para obter o perdão dos pecados – *“Se amais a Deus, seguid-me; (...) sabeis que Deus*

³⁸ Sura da Família de Amrão (III, 5), Alcorão.

³⁹ Sura da Vaca (II, 193), Alcorão.

⁴⁰ Paroles attribuées au prophète, apud Gérard Chaliand, *Antologie Mondiale de la Stratégie*, Éditions Robert Laffont, Paris, 1990, p. 461.

⁴¹ L’effort du jihâd, apud Gérard Chaliand, op. cit., p. 464.

⁴² Al-Muttaki, op. cit., p. 463.

⁴³ Sura da Vaca (II, 186).

não ama os infiéis.”⁴⁴ A afectividade restringe-se à família muçulmana – *“Arrancaremos todos os ódios dos seus peitos: serão como irmãos*”⁴⁵. O afecto dos crentes estende-se ainda aos cristãos: *“os próximos pelo amor dos crentes são os que dizem: «Na verdade, nós somos cristãos.»*”⁴⁶

Contudo, no Alcorão prescreve-se apenas a mútua protecção dos muçulmanos: *“Ó crentes! Não tomeis como protectores os judeus nem os cristãos; eles são protectores uns dos outros. (...) Só Deus é o vosso protector, como o são o Profeta e os crentes*”⁴⁷.

O Alcorão recita também palavras de Deus em prol do reconhecimento mútuo: *“Nós criámo-vos de um macho e de uma fêmea e de vós fizemos raças, tribos para que vos reconheçais uns aos outros.”*⁴⁸

A diversidade humana é inerente ao projecto divino. Segundo Abdullahi Ahmed An-Na'im, a sobreposição de identidades religiosas no mundo e a cooperação entre os povos *“integram-se perfeitamente na visão do mundo muçulmano.”*⁴⁹

Olhando para o mesmo Deus dos judeus, dos cristãos e dos muçulmanos, o cardeal Albini Luciani (1912-1978), futuro Papa João Paulo I, escreveu: *“Somos uma única barca cheia de povos, hoje já próximos uns dos outros no espaço e nos costumes, mas num mar muito agitado.”*⁵⁰

Quem é o Homem, um ser finito, para se achar senhor do fundamento – da verdade absoluta? Ninguém possui o absoluto! Só Deus é o senhor do absoluto!

⁴⁴ Sura da Família de Amrão (III, 29), Alcorão.

⁴⁵ Sura do Héjere (XV, 47), Alcorão.

⁴⁶ Sura da Mesa (V, 85), Alcorão.

⁴⁷ Sura da Mesa (V, 56 e 60), Alcorão.

⁴⁸ Sura do Aposento (XLIX, 13), Alcorão.

⁴⁹ PETER STILWELL, op. cit., p. 34.

⁵⁰ ALBINI LUCIANI, Ilustríssimos Senhores – Cartas do Patriarca de Veneza, Editora Cidade Nova, Lisboa, 1978, p. 19.

VII. Ciência, religião e violência

A religião é compatível com a ciência, mas inconciliável com a violência: “*O fanatismo é mais velho do que o Islão*”⁵¹.

A violência jamais suporta a fé: “*Deus é amor*.”⁵² E a crença cega na ciência nunca mata a fé, por ser incapaz de solucionar certos enigmas da existência humana.

O avanço da ciência confirma certas passagens da Bíblia, como a origem comum da humanidade, simbolizada em Adão e Eva, o casal primordial: “*Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela seria a mãe de todos os viventes*.”⁵³ Segundo o ADN⁵⁴ mitocondrial, todos os grupos humanos derivam da mesma população-mãe.

Na Europa há uma dicotomia profunda entre o profano e o sagrado (quase relegado para a esfera privada). Contudo, ainda hoje, a religião marca o quotidiano europeu: o domingo (dia da ressurreição de Jesus) continua a ser o tempo de descanso predilecto dos trabalhadores, para desassossego do capitalismo selvagem.

No início de terceiro milénio, o terrorismo islâmico desperta a Europa para a questão religiosa, a contra-gosto da corrente laica do Estado. A Europa é não só neta de Atenas e filha da Bastilha, mas também neta de Jerusalém e filha de Roma.

O bombista muçulmano acredita alcançar o sétimo céu, se morrer como mártir, assassinando os ímpios. Ele sacrifica a sua vida efémera em troca da admissão directa no paraíso por matar os infiéis; mata, matando-se, senão comete suicídio, proibido pelo Alcorão: “*não deveis destruir as vossas pessoas*”⁵⁵.

Ao invés, muitos cristãos perderam as suas vidas para salvar terceiros: o franciscano Maximiliano Kolbe (1894-1941) tomou o lugar

⁵¹ Amos Oz, *Contra o Fanatismo*, Asa Editores, Porto, 2007, p. 9.

⁵² Primeira Carta de João (4, 8).

⁵³ Génesis (3, 20).

⁵⁴ Ácido Desoxirribonucleico.

⁵⁵ Sura das Mulheres (IV, 33), Alcorão.

de um judeu condenado à morte pelos nazis, no campo de concentração de Auschwitz – um mártir da caridade.

Ao cristianismo não pertence *“outra violência senão a dos mártires, a violência do que morre, não do que mata. (...) O mártir usa a violência de não se dobrar.”*⁵⁶

Quem faz a guerra, quer vencer e, assim, alcançar a paz gloriosa: *“a paz é o fim desejado da guerra. Efectivamente, todo o homem procura a paz, mesmo fazendo a guerra”*. O perturbador da paz apenas deseja mudá-la a seu gosto.

O Homem busca a paz – do corpo, da alma e da cidade. E *“a paz de todas as coisas é a tranquilidade da ordem.”*⁵⁷

VIII. O confisco de Deus

O extremismo islâmico confisca Deus para efectuar o combate político anti-ocidental.

Diferentemente do terrorismo tradicional europeu (do basco e corso ao irlandês), o terrorismo islâmico contém a marca do cataclismo, porquanto o suicídio ritual se incorpora no plano subversivo: *“para os integristas terroristas os ataques são um estádio final das suas próprias vidas”*⁵⁸. Cada terrorista islâmico considera-se um mártir da fé professada, com base na interpretação arbitrária de um único verseto corânico – *“Não pensai daqueles, que foram mortos na causa de Deus, como mortos. Pelo contrário, eles estão vivos na presença do seu Senhor.”*⁵⁹

⁵⁶ JOSÉ LUÍS MARTÍN DESCALZO, *Vida e Mistério de Jesus de Nazaré*, Vol. II – A Mensagem, Editorial Missões, Cucujães, 1994, p. 68.

⁵⁷ SANTO AGOSTINHO, *A Cidade de Deus*, Volume III, Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1996, p. 1915.

⁵⁸ ADELINO TORRES, *Terrorismo – o apocalipse da Razão?*, in *Terrorismo*, op. cit., p. 68.

⁵⁹ Sura da Família de Amrão (III, 170), Alcorão.

A lógica suicidária dos islamitas vive prisioneira do “*pensamento místico-axiomático de cultura da morte, obsessiva e obstinadamente fechada em si própria, com total desprezo por outros seres*”, sobretudo os infiéis, ignorando os valores centrais da religião professada.

O holocausto “*é o seu objectivo último*”.⁶⁰

O fundamentalismo islâmico pratica a intolerância activa e militante, pondo a força ao serviço da fé, num contexto teocrático. A essência do fanatismo reside na vontade de mudar os outros à força. Bin Laden não odeia só o Ocidente: “*No final, o Ocidente deve ser convertido. A paz só prevalecerá quando o mundo se tiver convertido, não já ao Islão, mas à forma mais rígida, feroz e fundamentalista do Islão.*”⁶¹

A tolerância implica o reconhecimento da liberdade da pessoa, por isso, a fé não pode ser imposta a ninguém, contra a sua vontade, pela força física.

A tolerância pressupõe a pluralidade e a democracia, ambas odiadas pelo extremismo, redutor e totalitário. A identidade do eu de cada pessoa constitui-se na relação com o outro: “*a identidade é uma «co-identidade», o existir é sempre um co-existir*”.⁶² A eliminação do outro desvaloriza o sujeito cognitivo: nunca há identidade sem diferença.

IX. A marca sagrada

O sagrado molda o profano: “*Não roubarás*”.⁶³

A religião marca o Homem, porque “*a religião é a maior rebeldia do homem, que não tolera viver como um animal, (...) não sossega,*

⁶⁰ ADELINO TORRES, op. cit., pp. 74 e 75.

⁶¹ Amos Oz, op. cit., p.23.

⁶² MICHEL RENAUD, O bem comum, Educar hoje – Enciclopédia dos Pais, Vol. VI – Viver a Cidadania, Lexicultural, Lisboa, 2001, p. 65.

⁶³ Deuteronomio (5, 19).

enquanto não conhece o Criador”⁶⁴. A condição humana transparece nas escrituras sagradas, visível na nobreza de José, filho de Jacob, e na baixeza de Judas Iscariotes.

No Ocidente secularizado, “*A religião não é inimiga da democracia*.”⁶⁵ Aliás, o cristianismo promove a dignidade humana. Com Deus, o mundo é melhor; prova-o Madre Teresa de Calcutá (1919-1997).

A deriva fundamentalista há-de ser ultrapassada, pela renovação espiritual: “*a verdade libertar-vos-á*”⁶⁶.

Lisboa, 10 de Março de 2008.

⁶⁴ JOSEMARÍA ESCRIVÁ, *Amigos de Deus*, Editora Rei dos Livros, Lisboa, 1993, pp. 63-64.

⁶⁵ ALVIN TOFFLER, *Os Novos Poderes*, Edições Livros do Brasil, Lisboa, 1991, p. 416.

⁶⁶ Evangelho segundo São João (8, 32).